

PROGRAMA
PÚBLICO DE
PERFORMANCE
PENÍNSULA

EXPOSIÇÃO
DE 24 DE MAIO A 17 DE JUNHO DE 2017

ABERTURA
20 DE MAIO, 17H

RESIDÊNCIAS COLABORATIVAS
GRUPO DE ESTUDOS
OFICINAS

JULHO DE 2016 - MARÇO DE 2017

CARINA SEHN

ELEN BRAGA

CARLA BORBA

RUBIANE MAIA

MARION VELASCO

LIANA PADILHA

BRUNO MENDONÇA

ANDRESSA CANTERGIANI

CIBELLE CAVALLI BASTOS

A gênese desdobrada

Não existe mãe perfeita. Ser mãe se dá pelo tato e pelo exercício. Parir uma comunidade é quase um processo de mapeamento afetivo. Uma rede de contrações, sucedidas pelo nascer de corpos desassossegados. Prefiro cuidar do que curar. Cuidamos de 22 artistas, 2 pesquisadores e 43 fluidos e interessados participantes de um grupo de estudos ainda em processo. É plural pois do meu lado está um casal de pais: Denis Rodriguez e Leonardo Remor, artistas-gestores, que comigo formam a Península. Uma família cartografada e encontrada. Sou dessas. Das que desejam performance. Das compulsivas pela gênese mútua destas práticas do corpo. Das que querem guardar o rastro e o instante. Das acumuladoras de afeto. Dessas que guardam objetos e tralhas para tentar compartilhar o incompartilhável. Das artistas que se interessam pela potência do corpo e seus vestígios. Que pode mesmo o corpo? O que pode um rastro do corpo? E o que pode um arquivo de performance?

O PPPP emerge dessas e de muitas inquietações sobre a performance e performatividades sociais e de gênero. Mas principalmente da vontade de ter um espaço para acolher, experimentar, promover, compartilhar e trocar com outxrs artistas de Porto Alegre, do Brasil e do mundo. Desde 2005, a performance é a minha forma de viver e pensar a vida. Este campo expandido, inclassificável, gregário, rico em produção artística, algumas produções acadêmicas e pouquíssimos espaços que pensem num programa continuado e de longo prazo para essas práticas. A partir da constatação da carência

de um ambiente específico para se fazer e pensar performance em Porto Alegre, no Sul do Brasil, surge o PPPP. Num formato experimental, coletivo, sensível, de transformação, um laboratório para práticas performativas. Nesta idéia de laboratório resolvi compartilhar esse desejo com outras três mulheres artistas que eu admiro, seria uma cuida(ra)doria coletiva? Convidei Carina Sehn, Marion Velasco e Carla Borba para que convidassem outxrs artistx de performances dispostos a trabalhar de forma colaborativa. Cada uma de nós combinou com sua convidada de passarem um tempo juntos na Península, atentas a potência destes cruzamentos. Esse tempo foi chamado de residência artística de performance. Carina Sehn convidou Elen Braga, Marion Velasco chamou Liana Padilha e Bruno Mendonça, Carla Borba a Rubiane Maia e eu, Cibelle Cavalli Bastos. Em paralelo as residências tivemos um grupo de estudos, com interlocução feitas por mim, por Paola Zordan e Marcio Pizarro Noronha. O grupo acompanhou as residências, realizou leituras, escutou falas dxs artitxs participantes e começou uma prática de produção textual. Hoje o grupo está articulado à UFRGS/RS e fará parte da extensão universitária a partir de agosto de 2017.

O PPPP é exercício, é política do corpo. É transfeminista. É LGBTQIAP+. É contato. É mídia. É subjetividade. É marca. É tempo de encontro. É fenda. É dobra nas vidas de artistas. É re(existência). É criação. É artevida. É afeto. É convívio. É treta. É diversão. É devir. É oxigenar.

Residência artística compartilhada de performance e o PPPP como um embrião de processos pedagógicos.

Cada residência, 3 duplas e 1 trio, pesquisou uma especificidade da performance. Convivemos e criamos novos trabalhos, deixando vestígios na maior parte das vezes. Aconteceram conversas abertas sobre as práticas de cada artista e das vivências em grupo. Todo material foi documentado em fotografia e pouco em vídeo, com vistas à organização de um arquivo de performance disponível para pesquisa e futuras ativações.

A partir desta prática que desestabiliza processos de criação e camadas de práticas individuais para práticas coletivas, de trocas mútuas e compartilhamento de saberes sobre o corpo e sobre a performance chego a hipótese de que o PPPP pode ser um embrião de algo que ele não foi projetado, mas que acaba sendo dentro de uma perspectiva libertária: as residências somadas ao grupo de estudos, as apresentações e conversas públicas e esta reflexão do pós-performance poderia ser o esboço de um projeto também pedagógico do fazer performance. Educativo no sentido, de produção de conhecimento, inteligência e senciência em torno da performance. Educativo porque quando eu me contamina pela marca do outro, eu gero pensamento e memória coletiva pelo convívio, pelo atravessamento. Educativo porque também forma público e transforma artistas. O desafio de estar junto e toda a negociação que é colocada em jogo, a troca profunda de poéticas, que sintetizam algo novo e são compartilhadas

sensivelmente. Percebo o risco e a ousadia de afirmar que estamos neste campo da educação, mas acredito que esta permuta não se dá somente pelos conhecimentos adquiridos pelos artistas e participantes do grupo de estudos ao longo de seus processos, mas de um conhecimento empírico comum.

O programa além da hipótese citada acima sobre convívio e criar performance junto, foi um grande disparador de mais perguntas sobre a presença e a performance contemporânea. Como se negocia o tempo? Como uma poética se entrecruza com a outra? Quanto x artista está disposto a trabalhar em colaboração sem impor suas ideias? Qual é a real abertura de cada um? É possível criar junto? Performance é ação no tempo e no espaço, ou ela pode acontecer em outros lugares além do aqui e agora, incluindo presença digital? Como o som e a palavra ecoam enquanto presença? Pensar performance, conviver performance. *Twice behave behavior* como diria Richard Schechner. Conviver é performativo, negociar e fazer junto é performativo. Passar um tempo junto fazendo-pensando é movimento.

Sobre arquivar o inarquivável

Suely Rolnik fala que as memórias são marcas, ovos sempre atuais, sempre potencialmente geradores de novas linhas de tempo. Uma memória que se faz em nosso corpo, não em seu estado visível e orgânico, mas sim em seu estado invisível, onde o corpo integra uma textura e se compõe das

misturas dos mais variados fluxos, e onde se produzem as diferenças que engendram os devires, devires da própria textura. Marcas são os estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro. Esta metáfora serve tanto para esta pedagogia de convivência que já é o novo como também para o arquivo, que na tentativa de ativar um presente passado, gera uma violência ou uma marca que arranca do instante um outro devir.

Nisso eu me pergunto: Performance precisa gerar documento? O vestígio que fica é desdobramento e parte do trabalho? Performance é o que aconteceu no aqui e agora e o resto é só documento? A ontologia da performance está na presença? Documento pode ser performativo? Qual a diferença entre registro e documento performativo? A ação de ativar e mapear a memória é também uma performance? Quais as diferenças entre arquivo, vestígio e documento? Como se ativa a experiência através da memória? Como se atinge o sensível por um instante que foi arquivado no presente?

Cabe a performance se adequar ao sistema de objetificação do mercado? Quando documentamos e nos preocupamos em gerar material pós-performance não estamos nos enquadrando em algo que a performance não se enquadraria? O que é relevante num arquivo de performance? Deixar a memória ativa e presente depois da ação? Ativar um arquivo não seria criar um novo trabalho?

Peggy Phelan, pesquisadora do Performance Studies na NYU, defende que a presença é a ontologia da

performance, se não é ao vivo não é performance. Pela minha grande dúvida sobre este ser o cerne deste tipo de prática, eu e os artistas-gestores da Península pensamos nesta exposição de documentos, numa ideia de desdobramento das performances criadas através das residências e de também de um compartilhamento e experimentação do que pode um arquivo de performance provocar. Olhando o material gerado, preciso concordar com a potência desestabilizadora deste estado que a presença gera. Por mais força que um documento ou um desdobramento possa suscitar. O tempo presente (que é passado e futuro) talvez seja mesmo a ontologia da performance como Phelan defende. Passadas estas quatro potentes residências, com diversas ações ao vivo testadas, consigo sentir nos meus fluxos corporais que, talvez, o arquivo e a memória não dêem conta do que a presença consegue dar. Porém, eis aqui a contradição, se memória também é presença, essa potência não é re-vivida mas vivida, então, temos performance de novo.

Outra contradição sobre o aqui e agora que merece um olhar mais clínico é a presença digital. Qual seria a sua potência em relação ao corpo de carne e osso?

Testo aqui algumas das minhas deliciosas dúvidas sem respostas herméticas, vibrando na frequência do desejo de mais. Esse catálogo e exposição são o fechamento deste primeiro ciclo do programa, certa de que outros virão. Que venham os próximos filhos <3

Andressa Cantergiani





Xilogravura: gravuras em relevo sobre a madeira. Madeira: plantas lenhosas com funções de sustentação. Ferro: elemento químico extraído da natureza. Britadeira e mouroão. Trabalho. Escravo, mítico, atualizado farpado. A imagem do corpo, uma imagem-corpo. Uma imagem viva do corpo. Máquina-corpo. Performance, máquina abstrata acionante. Construir uma imagem sem o corpo do performer. Construir uma imagem. Ser na imagem.

CARINA SEHN E ELEN BRAGA

A performance sempre opera uma micropolítica. A ação performática ao ocupar um certo território, seja ele o do corpo do performer, seja ele o espaço da galeria, ou qualquer outro, se expande efêmera, revolucionária, experimentadora. Produz imagens-processos que aproximam o corpo da vida, a imagem da vida. Este encontro nos produziu outras, mais ampliadas, elásticas, múltiplas.

Elen e eu passamos juntas quinze dias, produzindo processos, criando, constantemente. A vontade de trabalharmos já existia há um tempo, em uma relação que no início era puramente virtual, depois virou real e que hoje é presença constante. Vivemos durante a residência, um turbilhão de vontades, desejos e de ações; tantas, que gerou até uma exposição, pela quantidade de trabalho que produzimos: foram três ações ao vivo, vídeos, instalações na Galeria Península e também no Museu do Trabalho, e mais: outras ideias que não tivemos tempo para desenvolver. Intensidade e inspiração são palavras que nos revelam como dupla. Provocamo-nos muito, pois temos modos de produzir e ritmos distintos. Pudemos pensar a performance como uma imagem que pode ter ou não ter necessariamente o corpo do performer, do criador da imagem presente – segundo a Elen, foi aqui no PPPP que este conceito apareceu e seguiu contaminando os seus trabalhos. Exercício de sincronizar

os universos, os encantamentos da Elen, por exemplo, pelas grandes formas, estruturas, complexidades, máquinas, objetos; e o meu encantamento pela sutileza, pelo silêncio, pelos ciclos da natureza, pelo orgânico, foi de fato um desafio ao longo do processo.

A cada dia era uma novidade criativa que despontava no horizonte, um ir deixando-se influenciar, mexer-se, movimentar-se pelo outro, pelo ritmo, pelo sabor, pelo modos, pela expressão e tendências estéticas que cada uma de nós traz consigo ao longo da sua trajetória. Trocamos, sobretudo, sobre: como é que se constrói uma imagem? Uma nova realidade para ação? Que ora está no corpo, ora na natureza, ora é uma pintura, ora uma máquina, ora a ação em si, ora aqui dentro do estômago, dobrando-se, efetuando-se diferente e provido de uma estrutura problemática sempre aberta ao virtual - o qual não tem compromisso com a realidade, mas sim com a experimentação de si e da sua existência.

O nosso trabalho segue reverberando nos nossos corpos e modos de fazer performance. Fica o movimento do desejo de seguir trabalhando uma com a outra.

Carina Sehn



em processo.
artistas, elementos e tecnologias
conectados ao infinito.

MARION VELASCO, LIANA PADILHA E BRUNO MENDONÇA

A Festa Profunda foi um desdobramento da interlocução artística entre Marion Velasco (RS), Liana Padilha (RJ) e Bruno Mendonça (SP), que se intensificou em 2015. O desejo de fazer performance que acabasse em festa na galeria apareceu nas primeiras conversas. A noção de festa surgiu como uma questão comum que perpassa o background dxs três artistas que tem trajetórias e poéticas que se cruzam de diferentes maneiras. A festa como um dispositivo político, social, econômico, cultural e como uma plataforma de performatividade, subjetividades, comunicação e arte, foi trabalhada de maneira prática e teórica, durante a residência.

O deslocamento proposto fricciona a festa, transforma a ideia de espetáculo, entretenimento e evento, assim como altera, conceitualmente, a galeria. Nesse encontro se enfatiza o sonoro em performance, em experiência de vida, a vida nas grandes cidades – tema abordado de forma ampla nas pesquisas individuais dxs artistas e que, se desdobra, de maneira geral, no uso da voz, através da linguagem do *spoken word*, a partir de narrativas que expandem a ideia de texto. E o que é profundo? O lugar das coisas estranhas, insondáveis, como a chegada de um meteoro, uma boca de pantera, o bater de asas de uma ave, uma música sem

fim, o fim de uma festa e, talvez, o amor.

Os líricos foram criados de forma independente através do procedimento da apropriação, da colagem e do remix, a partir de excertos de outros artistas, poetas, frases coletadas nas ruas, sonhos e coisas inventadas. Um grande hipertexto. Esses excertos mesclados nas ações ao vivo, compuseram oito peças onde, além das vozes, foram usadas tecnologias digitais, instrumento musical de forma não convencional e materiais com grande expressividade plástica e sonora. O espaço da galeria ganhou amplificação de som e outros elementos de caráter escultórico, que funcionaram como ambiência, uma espécie de instalação *cave* imersiva. A mudança na iluminação da galeria e o objeto de luz da artista Lucia Koch foram muito importantes para que se conseguisse esse resultado e reforça o caráter colaborativo que o trabalho teve, envolvendo uma série de agentes criativos e corpos (inclusive do público presente).

Marion Velasco, Liana Padilha e Bruno Mendonça



o vento, a vastidão, a brincadeira, a areia, a linha, o movimento, o corpo, a conexão, a intimidade, o encontro, a leveza, a cor, o contraste, o toque, a imagem, o frio, o sul, o céu, a geografia, a experiência, a pele, o ócio, as dores, os sonhos, e tantas outras coisas mais...

CARLA BORBA E RUBIANE MAIA

Háviamos decidido seguir na direção sul em busca dos fortes ventos e da planície de areia. Viajamos pelo interior do estado do Rio Grande do Sul durante oito dias num trajeto que partiu da cidade de Rio Grande em direção a Porto Alegre. Uma extensão de terra-areia-estrada situada entre o mar e a Lagoa dos Patos. Lugar plano, de horizonte infinito soprado por um vento de grande intensidade.

Neste lugar nos expandimos no espaço, nosso olhar se perdia no horizonte longínquo, nossa percepção era alterada pelo vento que soprava a todo instante. **O corpo ou parecia leve a ponto de voar com a força do vento ou pesado e lento ao se mover pela areia fina das dunas.** Composto com a paisagem o som, o zumbido do vento, completava a experiência de expansão de nossa percepção. Sentíamos a paisagem, ela nos interpelava, nos dizia, nos calava. Rumávamos para direções incertas na busca de enquadramentos e rajadas de vento capazes de levantar nosso material de trabalho, 80 metros de tela guarda-corpo*. Nosso desejo envolvia uma mistura sutil entre o ato de brincar e trabalhar. Brincamos com o vento, trabalhamos

para expandir a tela, fazê-la voar. A tela tornou-se o prolongamento de nosso corpo no espaço. Tornou-se a difusão, o meio de comunicação com a paisagem e entre nós mesmas. Tocávamos uma a outra através do vento. Assim, o vento e as direções que ele percorre, norte, sul, leste e oeste passaram a nos indicar possibilidades de encontros e expansões. Reencontros possíveis para processos de expansão pessoais e coletivos.

Após o retorno da viagem realizada através do PPPP, eu Carla Borba e a artista Rubiane Maia jogamos as cartas xamânicas e descobrimos o propósito do nosso encontro. Tiramos a mesma carta no quadrante norte da sequência das quatro direções. Esta carta dizia: expansão. Foi uma mensagem direta e muito clara sobre o que havíamos vivido durante a nossa residência. Afinal nos encontramos por conta disso.

**telas de plástico utilizadas nos andaimes de construções.*

Carla Borba



Raxas, femmes, trixas, translesbichas, monas, manas, todos livres, belos, lindes, soltes, fortes, transviados, t-boys, bruxes, power menines, transposia e desconstrução. auto-cuidado e nano-política. mamião livre.

ANDRESSA CANTERGIANI E CIBELLE CAVALLI BASTOS

Numa relação entre arte e vida, convivemos por 11 dias na Península. Nossa proposta inicial era realizar conversas com mulheres nascidas ou construídas, seres que se identificam como fêmeas e que estivessem com inquietações sobre gênero e performatividade. Além de propor uma ação que pudesse dar conta do que estávamos fazendo separadamente e o que poderia ser em colaboração, pensamos que esse tempo juntas também seria um tempo de auto-cuidado e carinho. Como um escudo de preparação dos nossos corpos para a violência de alguns dos assuntos que achamos fundamental discutir nos dias de hoje.

Entendemos que vocalizar mantras, praticar yoga, tarot e alimentação viva seriam também políticas para o corpo.

Resolvemos propor ações que fossem além do encontro, uma espécie de performance coletiva em campo expandido, onde **o jogo seria a desculpa para conversas relevantes e liberação do subconsciente**. Como seria um jogo de canastra com várias fêmeas afim de falar sobre determinados temas?

XANASTRAS é o nome dado a estes encontros-performance-carteado que foram pano de fundo, além de uma estratégia cognitiva para conversas sobre assuntos recorrentes em seus cotidianos e projetos recentes. Gênero,

corpo, performatividades, desconstruções, normatividades, desprogramação, autocuidado e nanopolítica foram alguns dos temas abordados. Judith Butler, no texto *Excitable Speech: a Politics of Performative*, especialmente sobre os atos de fala falhos ou fracassados e as possibilidades de ofensa da linguagem, com argumentos críticos emprestados da psicanálise para debater a subjetivação do corpo pelos atos de fala. Para Butler, o corpo é vulnerável à linguagem, no sentido de que a linguagem, sendo performativa, opera, faz, e sendo assim, o corpo é feito e efeito, sustentado e ameaçado pela linguagem. Os atos de fala operam não somente a produção reguladora e produtiva sobre aquilo que nomeiam. Com o jogo queremos entender onde a linguagem é falha.

As conversas aconteceram como na mesa de bar ou na beira da praia. Além das XANASTRAS com hora marcada, trabalhamos de portas abertas para receber visitantes inesperados durante toda a residência. Outro ponto foi a presença digital. Todas as Xanastras aconteceram também via streaming por facebook e todo o nosso convívio foi permeado por histórias no instagram que viraram um vídeo.

Andressa Cantergiani







Paradigma da presença

Gosto de pensar a performance como os hispano hablantes, ou seja, como a instalação feita ao vivo, ou a arte da ação, na qual xs artistas se integram a instalação como dispositivo ou formam o núcleo essencial dessa categoria. Nesse campo complexo nomeado como performance, cuja a reprodutibilidade é complicada, e sempre renovada pelas circunstâncias de espaço-tempo e dos sujeitos – tanto os que se apresentam, como os que assistem ou participam – o que realmente importa não é a materialidade que se produz nessas apresentações e sim a gama de efeitos e experiências que essas práticas geram. Da perplexidade a desorientação, da rejeição ao asco, do ativismo a inércia, da poesia ao tédio, do divertimento a indiferença, participar de uma performance é perceber a unicidade da presença e sua força contagiante. Guattari afirmou que a única finalidade aceitável da atividade humana é a produção de subjetividade, eternamente enriquecedora de nossa relação com o mundo. E é nisto em que se traduzem as práticas performativas, nas quais seus criadores buscam novas formas de existir no mundo ao invés de produzir objetos; eles utilizam a vida e o tempo como matérias-primas.

Colocar a ética antes do conhecimento como na filosofia do francês, nascido na Lituânia, Emmanuel Levinas, parece ter sido a tônica das práticas performativas que aconteceram durante todo o segundo semestre de 2016 e o mês de março de 2017 na galeria Península, resultado das residências do Programa Público de Performance Península,

o PPPP, também conhecido como *laboratório de práticas contemporâneas*, parâmetro da Estética Relacional proposta por Nicolas Bourriaud. Seria possível não ser relacional na performance? Essa categoria na qual a materialidade estética frequentemente cede aos efeitos da presença e da participação.

As residências colaborativas do PPPP demarcaram um território próprio num espaço híbrido voltado às práticas artísticas efêmeras e instalativas, num contexto de desconstrução das estruturas de cultura e arte da cidade de Porto Alegre¹. Elas foram um lugar para se pensar alto e compartilhar com um público, muito além do observador ou do mero participante, sem a menor dúvida, um público qualitativo. Um espaço vivo em permanente formação, governado pela urgência da adaptação e subsistência. A Península é esse lugar de resistência e de reexistência, resistente também às rotulações dos que precisam de escaninhos e nomenclaturas para entender ou perceber esses contra-espacos² de onde brota a arte, essa arte gasosa³, focada na experiência, na troca e no encontro.

O programa se estruturou não somente como uma maneira de perceber e pensar a performance como um lugar político e poético, mas principalmente como um espaço-tempo de compartilhamentos, como um lugar de provas, de incertezas... Experimental.

Me lembro perfeitamente da primeira noite do PPPP, uma noite fria e limpa com luar, quando Carina Sehn propôs

uma celebração ao redor da fogueira, no jardim da Península, para receber a amiga Elen Braga, com sopa preparada pela It, velas e muito vinho. E depois cerveja trazida pelos Etcetera, convidados de última hora que vieram aquecer esse encontro. Um gesto ancestral... Fogo, vinho e conversa. Apesar do início tão acolhedor, a residência compartilhada de Carina e Elen discutiu e refletiu sobre o **Trabalho**. No campo da arte esse assunto possui contornos muito específicos – o axioma arte e vida – tornando o fazer, o pensar, o viver num ato contínuo, em trabalho ininterrupto. Rompe a agenda, nubla os dias da semana e se espalha como gás, confundindo-se com o oxigênio.

Pensar a prática artística no momento em que ela ocorre não exige afastamento, mas uma aproximação melada, viscosa, açurada como nas colagens sonoras e textuais da **Festa Profunda**, residência dos artistas Marion Velasco, Liana Padilha e Bruno Mendonça, que usaram o tempo e o espaço da galeria para discutirem sociabilidade, intimidade e calor humano. Não se escuta uma música que se gosta de longe, se escuta de perto. Sente-se essa vibração, energia, parecida com sexo, tom da própria vida. Sentir o som e explicar como ele nos afeta, outra tarefa subjetiva. Como subjetivos são os esforços de se definir a nossa existência.

“Mas o que pode ser dito sobre as Artes Visuais na ordem do patriarcado que privilegia a visão em relação aos outros sentidos?”⁴

Essa pergunta me leva a residência compartilhada da eterna parceira Addressa Cantergiani com a Cibelle Cavalli, uma residência que transformou a galeria em um espaço de jogo e bate-papo cabeça quente. As artistas promoveram jogos

de **Xanastras** nos quais abordavam temas complexos como as discussões sobre gênero, as desconstruções de posições tradicionais ligadas a heteronormatividade, desprogramação das relações hierárquicas e centralizadas, sem se esquecerem do autocuidado, tão negligenciado em nosso cotidiano instantâneo e de atividades simultâneas.

Encontrei a Cibelle pela primeira vez durante a marcha 8M de 2017, as artistas pareciam em transe segurando cartazes e marchando pelas ruas de Porto Alegre de topless, confrontando a *fixidez* do discurso patriarcal⁵-religioso. Desmistificar o corpo feminino, prosseguir no longo processo de desconstrução da feminilidade (promovida pelo patriarcado) que objetifica o corpo e que subjulga a fêmea, trabalhar por novas imagens que revisem essa feminilidade e que promovam a equidade entre corpos, essas eram algumas das bandeiras, e parte dos gritos de guerra dessa marcha que prometia também uma greve internacional da mulher, ou um dia sem mulheres, pois elas estariam todas nas ruas de peitos nus. Ao colocarem a manifestação, a experimentação e o encontro acima da representação, as artistas trouxeram as preocupações da vida e do *teatro da resistência eletrônica*⁶ para dentro da galeria Península, comentando com vivacidade o nosso atual contexto histórico de regresso e conservadorismo.

E por fim, as artistas Carla Borba e Rubiane Maia abandonaram a galeria e foram viver uma residência em movimento, percorrendo a estreita faixa litorânea da Lagoa dos Patos, uma região que nunca visitei, mas que já percorri nas linhas dos relatos e ficções do Areal⁷. A comunicação

entre as artistas e a galeria Península estabeleceu-se através de cartas, e o sopro e o som do **vento** deflagraram um cotidiano de visões, sensações e poesia. O vento trouxe também muita areia que ao final da residência veio integrar, em conjunto com uma rosa dos ventos, a performance duracional apresentada num sábado ensolarado.

Estou a ponto de concluir e percebo agora que passei todo o meu tempo relatando os processos das residências artísticas e não descrevi ou comentei nenhum dos vídeos, objetos ou proposições desta exposição. Talvez este texto seja a minha resposta as inúmeras perguntas propostas pela Andressa na abertura do catálogo. Toda boa pergunta tem múltiplas respostas. “E existem sempre respostas satisfatórias para todas as questões. Mas não sei se vocês entendem quão pouco se pode aprender com elas. As perguntas são muito mais reveladoras de quem as faz do que as minhas respostas seriam sobre mim.”⁸

Denis Rodriguez

1 Não estou mencionando aqui apenas o colapso dos financiamentos públicos, em âmbito municipal e estadual, acompanhando o desmanche federal. Em âmbito estadual a situação demonstra-se mais crítica diante da extinção da Secretaria Estadual de Cultura, que em 2016 foi amalgamada às secretarias de Esportes e Turismo.

2 Os contra-espacos são os que se opõem a todos os demais e que de alguma maneira estão destinados a contestar, compensar, neutralizar ou purificar os espacos ao redor com que se relacionam, em outras palavras, a noção de heterotopia proposta por Foucault.

3 Michaud, Yves. *El Arte en Estado Gaseoso*. Fondo de Cultura Económica: Mexico, 2007.

4 Owens, Craig. *Beyond Recognition. Representation, Power and Culture*. Universidade da California: Berkeley, 1992. (Tradução do autor).

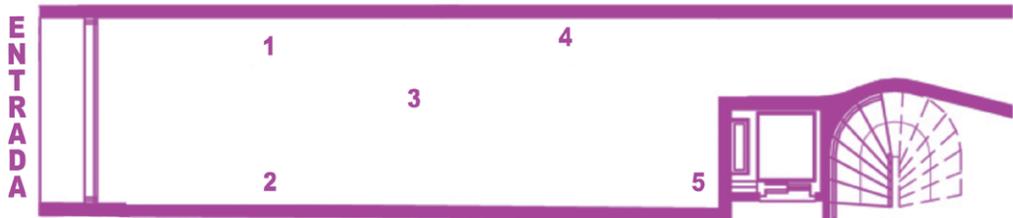
5 “Um aspecto importante do discurso colonial é sua dependência do conceito de fixidez na construção ideológica da alteridade. A fixidez, como signo da diferença cultural/histórica/racial no discurso do colonialismo, é um modo

de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca.” Bhabha, Homi. O Local da Cultura. Capítulo III. UFMG: Belo Horizonte, 2014.

6 “[...] a fantasia do potencial de resistência das atuações artísticas em rede frente ao sistema capitalista hegemônico. O mero uso instrumental da internet como plataforma de difusão de atividades que se realizam fora da rede, no espaço social. Podemos descrever essa forma de utilização como uma mera ‘informatização’ dos movimentos sociais, sendo o seu uso similar ao que pode fazer outro tipo de instrumento de propaganda, desde um panfleto impresso, uma revista ou um jornal militante. A internet possui algumas vantagens diante das outras mídias (maior economia de recursos, maior alcance potencial de leitores), mas também algumas desvantagens, sua limitação de alcance aos receptores a priori interessados.” Brea, Jose Luis. Erapost. Casa: Salamanca, Espanha, 2002. (Tradução do autor)

7 projeto de Maria Helena Bernardes e André Severo que se define como uma ação de arte contemporânea deslocada que aposta em situações transitórias capazes de desvincular a ocorrência do pensamento dos grandes centros urbanos e de suas instituições culturais.

8 livre transcrição do diálogo entre o xamã beduíno e Mr. Locke em “Profissão:Repórter”, de Antonioni, 1975.



- 1** Andressa Cantergiani e Cibelle Cavalli Bastos
Xanastra
2017
Instalação | bandeira, tapetes e portarretrato
- 2** Carla Borba e Rubiane Maia
Apanhador de Vento
2016
Vídeo | 23'30'
- 3** Carla Borba
Ponto Guarda Corpo
2017
Instrução | caixa, lã, agulhas de tricô e cadeira
- 4** Carina Sehn e Elen Braga
Sem título
Vídeo | 14'36"
- 5** Marion Velasco, Liana Padilha e Bruno Mendonça
After
2017
Instalação | audio de 45'48", fotografias, caneta sobre vinil transparente, caderno-partitura, objeto luminoso de Lucia Koch e fones de ouvido sem fio.

Canibalismo pansófico

Um grupo de estudos e pesquisas configura um corpo instável, aberto aos que chegam e aos que vão. Corpo policéfalo constituído junto às experiências performáticas, coletivo sem formas definidas e sem números perenes, que por vezes tinha quarenta cabeças trazendo profusões de falas e afectos e subjetividades e problemáticas e noções. O que o PPPP discorreu nos encontros desse grupo, em 2016, não pode ser traduzido em poucas ou mesmo muitas linhas escriturais. Atravessado por textos, discutindo contextos, exclusões, violências, posições identitárias, o grupo expressou as dificuldades de se trabalhar com performance no sul do Brasil. Em interlocução com os artistas residentes e suas proposições poéticas, trabalho, limites, justiça, cura, colonização de raças, gêneros e classes sociais, erotismo, percursos, correspondências, encontros e conversas foram pensados conjuntamente enquanto políticas, acontecimentos e conceitos: uma pansofia canibal.

Ao explanar o pensamento de Eduardo Viveiros de Castro, em sua perspectiva animista anti-narcísica e antropofágica da Filosofia da Diferença, levei ao grupo uma apresentação que culminou na passagem visual das Aglutinações (colagens para os devires desenvolvidas na tese

Arte e Géia Educação). O intuito foi conturbar as estratificações de identidades e escapar das demarcações discursivas excludentes, pois o intrincamento entre diversos tipos de vida, em todos seus substratos, atmosferas, construções, personificações, não se reduz à categorias fixas e sim à múltiplas possibilidades. As três ecologias de Félix Guattari, que articulam meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana, são o que o autor denomina ecosofia. O sufixo, que exprime o conhecimento estruturado = logos, é trocado por sofia = saber aberto que acumula as multiplicidades subjetivas, socio-culturais e ambientais. Para descolonizar as subjetividades perante a uma sociedade alheia à natureza, troco o prefixo “eco”, advindo de oikos, ligado a propriedade com marcação delimitada, por pan, prefixo que significa “tudo”. Pansofia para tentar traduzir Pata Ewa'n, cuja pintura “coração do mundo”, do artista macuxi Jader Esbell, abstratamente figura. Numa perspectiva ética imanente à estética, imagens são mostradas para dar corpo aos conceitos, especialmente o de anima. Produções de épocas e culturas diversas para provocar o pensamento, ou seja, o que se passa em nossa cabeça.

Os desígnios da vida na terra onde se nasce, cresce

e se morre, os saberes expressos nas atividades e nas coisas, saberes que marcam características personológicas na força dos elementos materiais presentes na natureza, os iorubanos chamam *bori*. Palavra para um rito de comunhão, a qual os estudiosos de origem europeia traduzem como “fazer a cabeça”. O que há na cabeça, força que esse povo considera determinante na vida daquele que a recebia – nada nem ninguém pode tirar. E o que se estuda, literalmente, “faz” a nossa cabeça. Quem adquire o bori ganha um conhecimento em relação a afazeres e a conceitos que também pode ser traduzido, ao mesmo tempo, como uma ciência e uma arte, talvez uma filosofia. Estudar performance acaba por nos levar a uma perspectiva transversal e caótica de arte, fora dos padrões europeus, enciclopedistas, mercadológicos, brancos, masculinos, ocidentais, judaico-cristãos, clássicos. Podemos arriscar dizer que para performar é preciso ter uma espécie de bori, porém um bori nunca pronto e sempre em vias de se fazer. Estudamos a performance absorvendo as forças do outro, de modo pansófico, canibal, não havendo separação entre o que pensamos e o que se passa no corpo.

Paola Jordan

Memória, traço, arquivo, corpo

Michel Foucault nos convidou a tempos a pensar os corpos como superfícies de modulações, lugares de tensões, campos de injunções, uma coisa que está para além do binômio poder e saber, revelando um jogo mais do que dinâmico entre localizações – mapas, geografias, cartografias – e dispositivos – objetos, projéteis, próteses, órteses, sendo o corpo ele mesmo uma prótese possível às coisas do mundo.

Jacques Derrida nos convidou a pensar relações entre narratividade, escritura, memória e procedimentos de constituição de arquivos, arquivamentos, que não são apenas conjuntos densos de lembranças instituídas, mas também traços, gestos, imagens, rastros, restos, enxertos.

Suely Rolnik reúne este corpo tensão ao corpo marca de um e de outro e o coloca em potência no tempo, provocação dos estados de diferença anunciados, gestados.

Biopolíticas, biotecnologias, pós-gênero, corpo-objeto em cena, corpo-arquivo, corpo sensorium, foram questões que cruzaram minhas passagens pelo PPPP. Se o arquivo que resulta não é somente monumento e tampouco se reduz à condição de documento, entendo que ele integra a porção biopolítica e biotecnológica do dispositivo,

funcionando não apenas como um marcador da presença na ausência (reverberação do corpo nos estados do registro) mas como outro modo do pensamento, da organização das coisas, numa coisa que poderia ser observada como “antropologização da escritura” (Phillippe Artières), ou, ainda, “performatização das máquinas de inscrição”, quando estamos, ao mesmo tempo, escrevendo, inscrevendo e ativando performativamente. Deste modo não há no traço uma dimensão capenga, mas o entendimento de que esta memória performativa é feita de fissuras e firulas, marcas, cortes, suturas. Ela pode ser repetição e gesto. Mas também pode ser ato de lançamento, um discóbolo que joga adiante o registro para fazer dele não apenas caixa de guardados, mas ato político de insistência dos planos dos vividos e dos afetos. O que seria isto, se não algo que já está no termo performance, na sua maior singeleza, princípio de ação. Não importa se insistente e repetitiva, evocativa e paisagística, ou, simplesmente estado da coisa presente. Performance é um outro modo de se pensar a História e a Historicidade, o Tempo e a Temporalidade. Assim arquivos de performance se apresentam e operam não mais apenas sobre as ações já realizadas, mas

repercutem sobre a lógica expositiva, sobre os mecanismos de entrada e saída nos espaços expositivos, nas suas políticas e economias, desconstruindo operações de legitimação e de mercado no e do mundo das artes. Desta maneira, entendo que, nesta nova hora ou última hora, post-residências, na perspectiva do historiador, a performance opera mais uma vez suas ferramentas de trabalho, sua vontade de operar, promovendo e provocando o campo conceitual das obras artísticas, sejam elas modernas ou localizadas na nebulosa contemporaneidade.

Marcio Pizarro Noronha

GALERIA PENÍNSULA

Andressa Cantergiani

Doutoranda em Artes Visuais pelo PPGAV/UFRGS. Mestre em Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Graduada em Arte Dramática pela UFRGS. É fundadora, artista e gestora da Galeria Península. Em sua produção recente destacam-se: "Trance, exposição individual, Saracvra/RJ, 2017; "Quase uma Ilha", curadoria e vídeo-performance, Galeria Península, 2014; "Aterro", performance e exposição individual, Galeria Guilherme Cossoul, Lisboa, 2015; "Jogos de Aproximação", residência artística e exposição coletiva, Galeria Península, 2015. Participou de residência artística no Terra Una/MG e no Museu Bispo do Rosario de Arte Contemporânea/RJ, ambas em 2016.

Denis Rodriguez

é artista, gestor e coordenador do programa de residências da Galeria Península. Mestrando em História, Teoria e Crítica pelo PPGAV/UFRGS. Realizou as exposições individuais "Pariwat Jenipapo", Fotoativa, Belém do Pará (2017) e "Água Viva", Galeria Península, Porto Alegre (2015). Artista residente na Fotoativa, prêmio FUNARTE, Belém do Pará (2016). Organizou o happening "Preto sobre Preto em Fogo", no espaço independente Pera de Gomma, Montevideu (2016). Destaque às coletivas: "Water-Scapes", apresentou vídeos e fotos no FATVillage Arts District, em Miami (2016); "O Valor das Coisas", no Atelier Subterrânea, Porto Alegre (2014) e; "Quase uma Ilha", na Galeria Península (2014), na qual apresentou uma instalação e atuou com curador da mostra. Apresentou a instalação "Farol", no programa vitrine MASP, em São Paulo (2014).

Leonardo Remor

é artista visual e gestor da Galeria Península. Graduado em Realização Audiovisual pela UNISINOS. Através do uso de diferentes mídias – filme, instalação, performance, fotografia – investiga o espaço da natureza na lógica do desenvolvimento da cidade e do homem. Artista convidado do programa "Encontros na Ilha", 9ª Bienal do Mercosul, 2013. Artista residente no OMI International Arts Center (New York), na COMUNITARIA, Curadoria Forense (Argentina) e no Pivô Pesquisa (São Paulo), todas realizadas no ano de 2016. Realizou as exposições individuais "O Vento Dissipa as Lembranças de uma Realidade Anterior", Santander Cultural, Porto Alegre (2015), "Longe Daqui" na galeria dos Arcos da Usina do Gasômetro (2012) e "Tempo Morto", na galeria La Photo (2011), ambas em Porto Alegre.

Carina Sehn é artista, performer, sutilizadora corporal, especialista em saúde mental coletiva e mestre em educação. Dedicar-se ao trabalho e pesquisa com o corpo e seus processos naturais no seu viés artístico (corpo-obra-de-arte) e de saúde (corpo-produtor-de-saúde). O seu desejo é despertar as pessoas em relação ao seu corpo físico, estético, energético e etérico. Para isso, oferece, em seu estúdio sutil encontros de *Sutilização* e de *BodyTalk*, que potencializam a performance e a presença do corpo.

Carla Borba é artista visual, doutoranda pelo PPGAV/UFRGS, bolsista CAPES; Mestre em Poéticas Visuais (2012) e Bacharel em Artes Plásticas (2003) na mesma instituição. Sua pesquisa envolve as relações entre performance, imagem, processos colaborativos e questões de gênero. Entre 2014 e 2016 foi professora substituta do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo. Entre suas últimas atividades destacam-se: “Boteco da Diversidade: Feminismo”, SESC Pompéia, São Paulo/SP (2017); “Convergência” - Mostra de Performance Arte - SESC/TO (2016); “Humanas Interloções”, Fundação Vera Chaves Barcellos, Porto Alegre/RS (2016); Projeto DelGeneradas, SESC Santana, São Paulo/SP (2015); Projeto DUETO, Casa M - 8ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre/RS (2011). Possui obras nos acervos: da Fundação VCB, MAC-RS e MARGS-RS.

Marion Velasco é artista multidisciplinar e pesquisadora em arte. Doutora em Poéticas Visuais no PPGAV-IA-UFRGS com estágio doutoral em arte sonora no Departamento de Escultura da Facultad de Bellas Artes pela UPV-Valencia, Espanha. Mestre em Design pela UAM/SP e Bacharel em Artes Plásticas pelo IA-UFRGS. Trabalha com performance, fotografia e música. Participou de exposições coletivas e individuais em Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Valencia/ES e na Internet. É autora de artigos sobre arte, música e cultura urbana publicados em livros, sites, revistas nacionais e internacionais. Editou, produziu e apresentou programas radiofônicos e é responsável pela voz e letras das bandas The Plastic Dream, Satélite MVR e do duo eletrônico ADventure.

Elen Braga ao longo de 7 anos de trajetória, realizou trabalhos em várias mídias, tais como: vídeo, instalação, escultura e objeto. No entanto, tem focado seu interesse na Performance, a partir da qual investiga questões relacionadas à força, resistência, resiliência e limites do corpo. Entre as suas últimas atividades destacam-se: “Nós entre os extremos”, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, SP, Brasil; Festival Internacional de Arte Contemporânea Papay Gyro Nights Art Festival, Escócia e Hong Kong. Destaque para as exposições individuais: “Plataforma” - SESC Belenzinho, São Paulo/SP e “Em suas marcas”, SESI São José Dos Campos/SP. Desenvolve pesquisa junto ao curso de Pós-Graduação em Performance na Escola A.PASS - Advanced Performance and Scenography Studies, em Bruxelas, onde vive e trabalha.

Rubiane Maia é artista licenciada em Artes Visuais e mestre em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo. Interessa-se especialmente pelas linguagens mais diretamente relacionadas ao corpo, e trabalha no cruzamento entre a performance, a instalação e o vídeo, além de flertar com o cinema e a literatura. Nos últimos anos participou de diversos encontros, festivais e residências no Brasil, Argentina, Chile, França, Reino Unido, Espanha, Itália, Portugal e Irlanda. Em 2014 lançou seu primeiro livro intitulado “Autor-retrato em notas de rodapé”. Em 2015 participou das exposições “Modos de Usar”, no Museu de Arte do Espírito Santo, do Workshop ‘Cleaning the House’ (com Marina Abramovic) e da Exposição Terra Comunal, Marina Abramovic + MAI, ambos no SESC Pompéia, São Paulo/SP.

Liana Padilha é artista visual com ênfase em música, pinturas, poesia e performance. Seu trabalho sonoro passa pela música e pela videoarte. Estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no MAM-RJ e na Fundação Calouste Gulbenkian-RJ. É responsável pela peça sonora da performance Shape is Clear: Criação dos Ventos (2014, obra que compõe o acervo do MACRS). Atualmente desenvolve o Projeto TintaPreta com atelier na Despina/RJ e faz parte do duo eletrônico NoPorn e do projeto de poesia livre mashup Tiro no Escuro, com Bruno Mendonça.

Bruno Mendonça atua como artista, pesquisador, curador e produtor. Formado em Comunicação Social pela Universidade Mackenzie e Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Como artista tem realizado desde 2005 trabalhos e projetos transdisciplinares em instituições, galerias e espaços independentes como Fundação Bienal de São Paulo, Centro Cultural São Paulo, Centro Cultural da Espanha, Galeria Leme, Pivô, Casa do Povo, MARP, Funarte São Paulo, Itaú Cultural, entre outros. Sua produção artística gira em torno de linguagens como performance, arte sonora, publicações, instalações e intervenções. Como pesquisador tem realizado diversos tipos de trabalho para instituições, galerias, espaços independentes e artistas em vários projetos.

Cibelle Cavalli Bastos reside entre São Paulo e Londres. Suas narrativas quebram qualquer possível dicotomia entre imagem e som, unem massa e espaço e relacionam a questão do corpo ao conceito de multimídia. A estética formal entre estilos e períodos de arte não se enquadra no estudo e execução de seu trabalho, que envolve performance, vídeo, som, instalações e pintura. Realizou a exposição individual “Mil Maneiras de Matar um Monstro”, Mendes Wood DM, São Paulo (2016). Algumas exposições coletivas selecionadas: /DÊ ROL(Ê)/, Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo (2015); The Sound Of... TM, Stads Triennale, Stad, Bruges e Bruxelas (2016). Ensemble without organs, Centro de Arte Contemporâneo Wifredo Lam, Havana, Cuba (2016).

Marcio Pizarro Noronha é

Doutor em Antropologia (USP) e Doutor em História (PUCRS), com ênfase em História, Historiografia e Teoria da Arte e relações Arte e Psicanálise e pensamento pós-psicanalítico. Professor da ESEFID / UFRGS, no curso de Licenciatura em Dança. Líder do GP CNPq - UFG Interartes Processos e Sistemas Interartísticos e Estudos de Performance. Membro dos Grupos CNPq UFRGS: Arquitetura, Derrida, Aproximações (PROPAR-FA) e GRACE Grupo de Estudos em Arte, Corpo e Educação (ESEFID). Docente licenciado da UFG do curso de licenciatura em Dança (FEFD) e do PPG História (FH).

Paola Zordan é artista visual,

Bacharel em Desenho, Licenciada em Educação Artística, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Departamento de Artes Visuais da UFRGS, na mesma instituição é professora do Programa de Pós-graduação em Educação na linha de pesquisa Filosofias da Diferença. Líder do Grupo de Pesquisa ARCOE, Arte, Corpo, enSigno/CNPq, desenvolve pesquisas que envolvem poéticas no âmbito educativo, historiografia da arte e esquizoanálise. Trabalha a partir de fragmentos, colagens, iconografia pop, pintura kitsch e escultura social. Como articuladora do M.A.L.H. A., Movimento Apaixonando pela Liberação de Humores Artísticos, propõe intervenções em espaços públicos e institucionais.

REALIZAÇÃO Galeria Península

CONCEPÇÃO Andressa Cantergiani

CURADORIA DA EXPOSIÇÃO Denis Rodriguez

PRODUÇÃO Galeria Península

TEXTOS Andressa Cantergiani, Carina Sehn, Marion Velasco, Liana Padilha, Bruno Mendonça, Carla Borba,

Denis Rodriguez, Paola Zordan e Marcio Pizarro Noronha

COORDENAÇÃO GRUPO DE ESTUDOS Paola Zordan e Marcio Pizarro Noronha

IDENTIDADE VISUAL E PROJETO GRÁFICO Leonardo Remor

COMUNICAÇÃO E REVISÃO DE TEXTO Denis Rodriguez

FOTÓGRAFOS Denis Rodriguez, Fagner Damasceno, Leonardo Remor, Marianna Villa Real e Pedro Matsuo

WEB DESIGN Marcius de Andrade

ARTISTAS RESIDENTES Carina Sehn, Elen Braga, Carla Borba, Rubiane Maia, Marion Velasco, Liana Padilha, Bruno Mendonça, Andressa Cantergiani e Cibelle Cavalli Bastos

CRÉDITOS IMAGENS

pag. 7 gravura: Carina Sehn e Elen Braga

pag. 8 fotografia: Denis Rodriguez

pag. 10 fotografia: Fagner Damasceno

pag. 12 fotografia: Carla Borba e Rubiane Maia

pag. 14 fotografia: Denis Rodriguez e Leonardo Remor

pag. 16,17 gravura: Carina Sehn e Elen Braga

pag. 18,19 fotografia: Denis Rodriguez e Leonardo Remor

Hugo Rodrigues, Anne Polarni Blumenkind, Museu do Trabalho, Clegue França, Carlos Malverde, Casa Frasca, Beto Salvi, Paola Zordan, Ricardo Zordan, Itiana Passetti, Cristiano Kunze, Nathalia Cantergiani, moradores do edifício Península, Fagner Damasceno, Pedro Matsuo, Lucia Koch, Edu Saorin, Isabel Waquil, Graziela Gallicchio, Leticia Menetrier, Norberto Lessa Dias, Peri Zorzella, Raimundo Giorgi, Maurício Ianês, Ricardo Domeneck, Jackson Araújo, Vicente Rubino, Marcos Lobão, Nando Barth, Carlos Issa, Giba Duarte, Lena Cantergiani, Petrônio Fagundes de Oliveira, João G Queiroz, Jordi Tasso, Krishna Daudt, Patricia Nardelli, Cladi Remor, Simões, Jordana Colla, Atelier das Massas, e todxs xs artistas que participaram do PPPP.

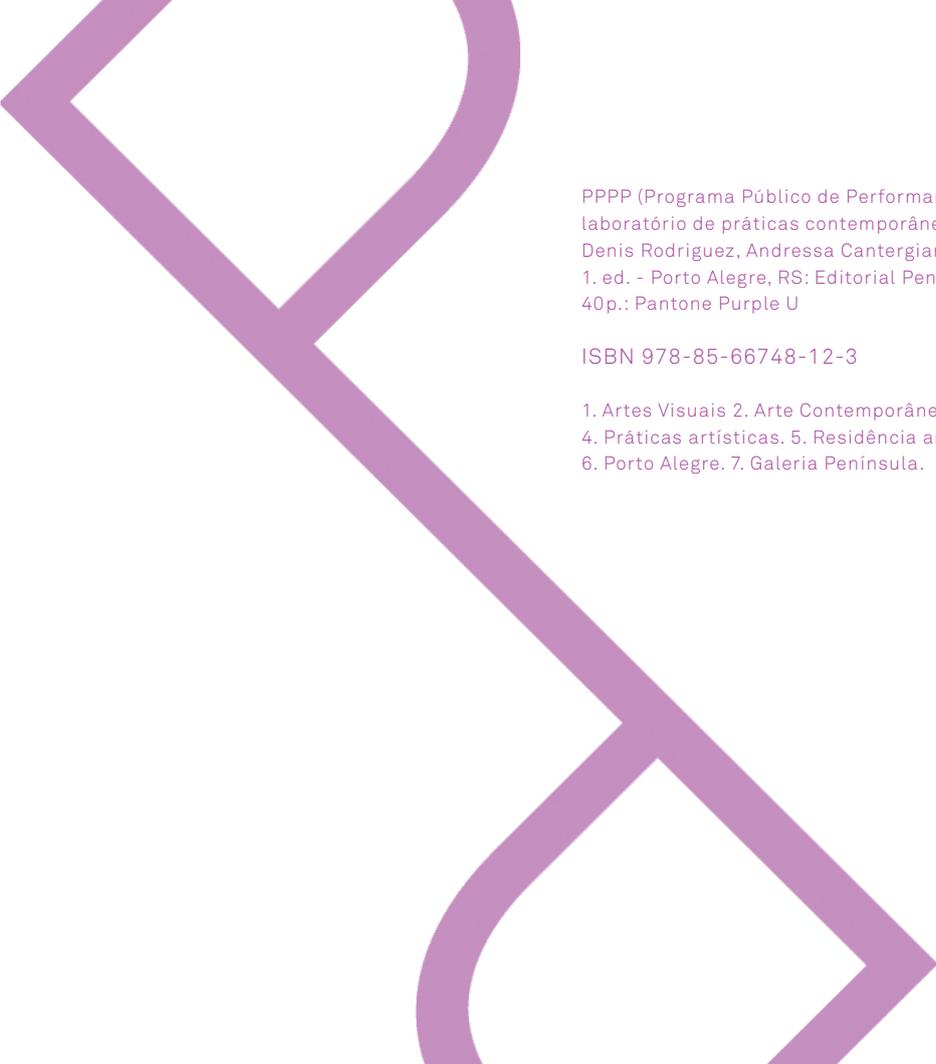


Pró-cultura RS
Lei de incentivo à cultura

GOVERNO DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO SUL



SECRETARIA DA CULTURA, TURISMO,
ESPORTE E LAZER



PPPP (Programa Público de Performance Península):
laboratório de práticas contemporâneas / Organizado por
Denis Rodriguez, Andressa Cantergiani e Leonardo Remor.
1. ed. - Porto Alegre, RS: Editorial Península, 2017.
40p.: Pantone Purple U

ISBN 978-85-66748-12-3

1. Artes Visuais 2. Arte Contemporânea. 3. Performance.
4. Práticas artísticas. 5. Residência artística.
6. Porto Alegre. 7. Galeria Península.

GALERIA
P E N Í N S U L A

RUA DOS ANDRADAS, 351
CENTRO HISTÓRICO
PORTO ALEGRE - RS - BRASIL

[HTTP://WWW.PPPP.ART.BR](http://www.pppp.art.br)

[HTTP://WWW.GALERIAPENINSULA.ART.BR](http://www.galeriapeninsula.art.br)

[HTTP://WWW.FACEBOOK.COM/GALERIAPENINSULA](http://www.facebook.com/galeriapeninsula)

[HTTP://WWW.INSTAGRAM.COM/GALERIAPENINSULA](http://www.instagram.com/galeriapeninsula)